

cria
Dezembro de 1961. O Congresso Nacional institui, por Lei, a Universidade de Brasília. As pessoas razoáveis do país alçam os ombros. Onde se viu aldeia com Escola Superior? E será aldeia ou campo esta Capital que a ardilosa passividade de Jânio fez parar com o apoio tácito de todas as pessoas razoáveis, satisfeitas com sua sorte em cidades já feitas?

Janeiro de 1962. A nova universidade tem a audácia de anunciar, para o início do ano letivo, três grandes Cursos. Os candidatos podem se inscrever. As pessoas razoáveis do país continuam alçando os ombros. Onde se viu uma universidade apenas criada, sem sede, com pouquíssimos funcionários, organizar provas de admissão e ter, além do mais, o atrevimento de adotar critérios pioneiros para exames "diferentes" - "Nada de pontos que os cursinhos ensinam! Abaixo os "cursinhos"! Tratem de lembrar tudo que aprenderam em todos seus anos de Escola Secundária! Abram as comportas da memória! Testes resolverão o resto!" - ?

Fevereiro de 1962. Começam a edificar a Cidade Universitária. As pessoas razoáveis do país alçam os ombros pela terceira vez. Ora essa! Brasília não se contenta em erguer uma Faculdade! Quer logo uma Cidade Universitária e lança a palavra "campus"! Além do mais, ousa prometer a inauguração dos cinco prédios iniciais para o dia 21 de abril! No cerrado, na ~~solidão~~, na imensidão ^{dele, no vazão, na} ~~solidão!~~

Março de 1962. Os cursos iniciam-se no Ministério da Saúde, que

emprestou dois andares à Universidade. As pessoas razoáveis do país já começam a ficar perplexas. Em vez de um punhado insignificante de jovens, foram duas mil pessoas que tomaram informações sobre as condições de admissão no Ministério da Educação, onde ainda funcionam Reitoria e Administração, ~~xxxxxx~~ e mais de mil jovens, adultos e até mesmo pessoas mais velhas fizeram o exame vestibular! E os três grandes Cursos-Treço funcionam! O Curso de Arquitetura e Urbanismo - ideal numa Cidade-Canteiro -; o Curso de Direito, Economia e Administração - acertado num momento de pleno desenvolvimento econômico - e o Curso de Letras Brasileiras - uma novidade, desde que os futuros professores de língua e literatura vernáculas só podiam, até agora, ~~se preparar-se~~ "de contrabando", nos cursos de Letras Clássicas ou Neo-Latinas, encontrando, agora, pela primeira vez, um curso específico.

Abril de 1962. Os candangos ~~trabalham~~ trabalham dia e noite. "Não é só pelo dinheiro das horas suplementares", explicam, "Para nós já é tarde, ~~esta Universidade não serve mais...~~ Mas quem sabe se nossos filhos..." E à beira do lago, nos 257 hectares da Asa Norte que ~~há~~ ~~corres-~~ correspondem à extensão idêntica reservada na Asa Sul às Embaixadas e que Lúcio Costa escolheu para não deturpar o belo pássaro das nossas esperanças, começam a surgir os cinco prédios anunciados: o grande Bloco administrativo, o auditório, os alojamentos para professores e alunos e o pequeno restaurante.

Professores e funcionários esquecem as noites de cinema ou passeio. Acostumam-se a observar as obras, ajudar, tomar a sopa de meia noite com os candangos, no que já se chama, mesmo, de "campus". E dois dias antes do segundo aniversário da Cidade, os ~~estudantes~~ estudantes organizam um mutirão. Pegam na pá, vassoura, trichá, balde, martelo, e limpam, e pregam, e pintam. Os operários acabam, simultaneamente, cobertura e assoalho.

21 de abril de 1962. Colocam-se as últimas cadeiras de couro no auditório. Um ajudante chega com bandeiras e pergunta "Onde devo colocá-las?" Respondem: "Espere cinco minutos. Já estamos acabando/ esta parede!" Termina-se a parede. Colocam as bandeiras. O auditório fica pronto ~~em~~ vinte minutos antes da chegada das autoridades e de um público numeroso.

Ninguém mais alça os ombros. Brasília não é mais uma aldeia porque Jango deu um empurrão. A universidade não é mais uma loucura : existe. E cidade e universidade dão-se a mão para começar a criar cultura na capital artificial que não é província e não pode ser mesquinha.

Medidas novas e flexíveis afastam o perigo de alicerçar uma universidade a mais num país que possui número desmedido de pseudo-universidades. Divide-se o ensino em fases. Dois anos em Institutos para meditar, consolidar a ponte entre secundário e superior, preparar o ingresso em Faculdades diversas com colegas que se destinam a outras carreiras - é o "campus" que começa a viver - e possibilidades de mudar de rumo, no decorrer dos estudos, sem prejuízo de tempo. Professores com tempo integral. Pós-graduados que ensinam e estudam, ao mesmo tempo, preparando-se para a assessoria do Governo em Brasília, a formação dos quadros técnico-científicos que o país precisa. O fim dos latifúndios do saber em prol de um dinamismo jovem.

Mas é preciso que a UNB - sigla já vencedora - também seja do povo brasileiro. Criam-se cursos de Extensão para não-universitários. Às 7 horas da manhã, fiscais de obras chegam ao campus, na chuva, sem condução animados e alegres, preparando-se a cooperar melhor com arquitetos e engenheiros na construção que também é deles. Estrangeiros melhoram seu português. O mundo luso se revela. Os jornalistas aprendem novas

técnicas, e os músicos, e os economistas e sociólogos, e os matemáticos. Maquetes, xilogravura e tecidos manuais podem ser realizados pelos estudantes. O cinema mostra sua evolução...

E à noite, os candangos chegam das obras, com a pá no ombro, como soldados pacíficos, dirigem-se para a sala de aulas onde os próprios estudantes ensinam as ^{primeiras} letras e também a história, a geografia e tudo que compõe a realidade nacional. E quando as aulas acabam, não se afastam, logo. Perambulam nos patios e olham para os céus com a solenidade do estudante que conseguiu ingressar ^{numa das} nas velhas universidades de Oxford, Pisa, Paris ou Heidelberg e sentem-se bem diferentes dos simples alfabetizados das escolas noturnas. Não possuem eles "uma carteira universitária" ?

Estrangeiros e professores dos Estados chegam. Os últimos participam a reuniões e aos primeiros Congressos nacionais. Os primeiros ficam satisfeitos com o plano das Casas da Língua e da Cultura que transformarão o ensino de línguas estrangeiras em pedaços de países, com seu ambiente transportados para Brasília. A França encarrega Le Corbusier de erguer sua Casa. Outros tomam medidas.

Abril de 1963. Ninguém mais alça os ombros. De lá muito, ^{outros} ~~novos~~ prédios surgiram. De um estilo novo que, partindo do tradicional pátio colonial, conseguiu entrelaçar salas e jardins, uns continuando os outros. Borboletas e beija-flôres o compreenderam, imiscuindo-se no meio das plantas. O concreto pretendido, que permitiu erguer prédios premoldados num tempo record, entusiasma Oscar Niemeyer. @xexexpxxexkxkxkx

Onze prédios novos estão sendo construídos ao mesmo tempo. Um deles - o Instituto de Ciências - será o maior de Brasília e o mais flexível, adaptando-se às máquinas e instrumentos de pesquisa.

O campus existe. A Universidade é um fato. Oh! tem seus problemas, é

claro. Uma obra tão ambiciosa não se consolida sem alguns contratempos e tropeços, sem pisar nalguns calos, sem discussões. Mesmo quando é uma espécie de milagre numa cidade que, sem ufanismo, é também um milagre da audácia humana. Porém, o entusiasmo que o Reitor Darcy Ribeiro irradia, continua sendo a mola do último cantão do pioneirismo brasiliense onde perdura o ritmo-Brasília dos primeiros tempos. Ritmo ainda acelerado pela presença da juventude e até mesmo das crianças para as quais a Universidade não é algo longínquo e assustador, mas um mundo que será o deles quando a ensino, mesmo superior, não ^{fôr} ~~será~~ mais um privilégio e sim um bem ao alcance de todos os habitantes, no qual Oscar Niemeyer sonhou, quando disse: "E espero que Brasília seja, também, uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda sua plenitude, em toda sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras-- um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade". Solidariedade que o campus gera.

E assim é que neste 21 de abril de 1963 aqueles que tanto alçaram os ombros já admitiram plenamente que existem audácias mais razoáveis que a própria razão e que a loucura UNB é uma loucura tão razoável quanto Brasília, desde que, com ela, começa a integrar o Brasil em si mesmo.

